

vídeo vulnerabilidade, vulneráveis

LIVROS E MULTIMÉDIOS

AYRES, José Ricardo M.C.

São Paulo, 1997. 15'

Quem trabalha com prevenção e educação na área de sexualidade e HIV/AIDS no Brasil sabe que precisamos muito mais que boas intenções. Dedicção é essencial para enfrentar essa ameaça à vida de tantos brasileiros, mas, para sermos eficazes e eficientes, e, em última instância, controlar o crescimento dessa epidemia, dependemos de abordagens mais refletidas e menos apressadas. A literatura brasileira e internacional e a experiência que acumulamos por quase uma década no NEPAIDS (Núcleo de Estudos para a Prevenção da AIDS- USP), permitem dizer que, simplificada, dependemos de:

a) Conhecimento atualizado sobre a dinâmica especial dessa epidemia que queremos prevenir. A epidemia da AIDS tem proporções globais e várias caras e dinâmicas; é diferente em cada região ou até cidade deste país com proporções continentais e varia de grupo para grupo. Devemos saber que epidemia: a paulistana? a feminina? a epidemia com a dinâmica da epidemia entre os jovens? ¹

b) Familiaridade com a população específica a quem a campanha ou programa educativo se destina (por exemplo, os jovens de ambos os sexos, de baixa renda, de grandes cidades). De preferência, devemos envolver desde o início da iniciativa ou do

desenho do programa, representantes do grupo ou da comunidade em questão² (escola, comunidade do bairro, da empresa).

c) Uma teoria (ou uma hipótese a ser experimentada) de como as mudanças necessárias para a proteção daquele grupo com quem nos preocupamos especialmente acontecerão. Como se consegue aumentar naquela comunidade o acesso aos meios materiais para se proteger do HIV- saúde reprodutiva em dia e camisinha, por exemplo? Quais as informações relevantes ali, como as informações devem ser distribuídas de tal forma que sejam entendidas? Como as pessoas passam, enfim, a se perceber mais vulneráveis ao HIV? Quando e como decidem mudar ou se proteger? Quais as habilidades que precisam dominar e que serão necessárias para se proteger? Que direitos têm que ser garantidos para que todos, independente de credo, raça, gênero, preferências sexuais, idade, nível educacional e renda, local de moradia, tenham como decidir e agir conscientemente? De todas essas coisas, o que depende de uma ação individual, o que é parte do contexto a ser enfrentado e/ou modificado pela comunidade ou pela ação comunitária?

Essas e outras perguntas têm respostas que variam de abordagem para abordagem; as perguntas são diferentes, dependendo da

¹ Os boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde e do Estado de São Paulo, além de trazerem dados atualizados sobre a evolução da epidemia, trazem artigos com análises interessantes. Mas há bibliografia a respeito em livros e artigos.

² Sobre o envolvimento da comunidade nos projetos, há vários textos disponíveis no NEPAIDS e, mais recentemente, disponível na nossa homepage (www.usp.br/nepaids/index) tradução de um texto feito pela UNAIDS - Programa de Aids das Nações Unidas: "Participação comunitária e Aids". Sugiro também o livro de ALTMAN, D *Poder e comunidade*, Rio: Relume Dumara.

teoria que se escolhe.

Respondidas essas questões, dependemos também de materiais educativos que facilitem nossa tarefa. Por isso celebramos o novo vídeo, focalizado neste artigo:

“VulnerabilidAIDS, vulnerADOLESCENTE” .

Produto de um projeto mais amplo do Dr. José Ricardo Ayres, que tem representado e sofisticado a novidade da abordagem inaugurada internacionalmente pela Global Coalition em 1993- iniciativa da qual muitos brasileiros participaram³, embora até hoje o dia a dia do trabalho preventivo no Brasil não tenha incorporado suas idéias principais⁴.

O surpreendente no caso desse vídeo - argumento de José Ricardo Ayres, Ivan França Júnior e Gabriela Calazans- é que pode ser usado para novas reflexões e aumento da qualidade do trabalho de profissionais e ativistas que já estão em campo e, também, para jovens multiplicadores ou simplesmente por quem pela primeira vez participa de um programa de prevenção. O vídeo usa uma linguagem fácil e cativante para o público jovem e, também, para nós que somos um pouco menos jovens, sem tratar a audiência com o excesso de informações que têm sido passadas pela mídia (finalmente!) desde que a epidemia passou a sua segunda década. Também respeita a inteligência, sem cair numa linguagem simplificada demais. Dura cerca de 20 minutos, foi dirigido por Joel Zito Araújo, com roteiro dele e de Adriana Maricato de Souza e efeitos de computação gráfica bem eficazes de Silvia Laurentis.

Usando uma linguagem e até um apresentador “MTV” (Edgar Piccoli) os autores trabalham informações sofisticadas

como a definição do conceito de vulnerabilidade (social, programática e individual), fazendo uma comparação feliz entre a menor vulnerabilidade dos canadenses e uma maior vulnerabilidade dos brasileiros atribuída ao diferente contexto social em que vivem. Edgar Piccoli vai explicando enquanto jovens da periferia de São Paulo contam o que JÁ SABEM sobre AIDS, ou dançam num baile “rap” em São Paulo. Com alegria, podemos apreciar a valorização da presença de jovens negros e não-brancos, ausentes na maioria dos vídeos do início da epidemia e, ainda hoje, na maioria das peças publicitárias produzidas pela indústria de propaganda que ainda é contratada nas campanhas oficiais.

São os jovens mesmo que repassam as informações básicas em vários depoimentos que povoam o texto mais “explicativo” falado por Edgard: como o vírus se transmite, quais as situações e aspectos da cultura jovem que tornam o uso da camisinha quase-indesejável; falam sobre a pressão machista, sobre o contexto social em que vivem, das diversas fontes de stress e de riscos que competem pela sua atenção e energia, deixando a necessidade de se prevenir do HIV para segundo plano. Falam principalmente da violência, da falta de um futuro melhor previsível, da necessidade de afirmação de gênero. Reproduzem e exemplificam na sua linguagem o que a literatura e a pesquisa psicossocial no campo da AIDS já identificaram há mais tempo: o gênero, a classe social, o nível de cidadania, o poder individual e o nível de respeito pelos diretos individuais e coletivos, o tipo de casa e o emprego, a raça/etnia e a qualidade de serviços públicos de saúde e educação que

³ Entre os brasileiros, um importante fundador da Global Coalition foi Herbert Daniel, a quem o livro “AIDS in the World” é dedicado. H. Daniel foi também fundador e inspirador do Grupo Pela Vida. Nesse primeiro volume, o conceito de vulnerabilidade aparece de forma mais estruturada sendo aplicado à AIDS. A tradução em português foi publicada pela ABIA/ Relume Dumara de forma reduzida: MANN, J., TARANTOLA, D. AIDS no mundo, Rio: Relume-Dumará, 1994, da coleção “História Social da AIDS no Brasil”, com vários volumes nessa mesma perspectiva. Agora foi lançado TARANTOLA, D., MANN, J. AIDS in the World II, New York: Oxford University Press, 1996.

⁴ AYRES, J. R. Vulnerabilidade e AIDS: para uma resposta social à epidemia. Boletim epidemiológico/DST- AIDS, São Paulo, v.15, n.3, p. 2-4, 1997.

marcam a vida de um indivíduo e de sua comunidade, são as variáveis essenciais para entender as respostas mais ou menos eficazes que vários grupos constroem à ameaça da AIDS. Eles mesmos nos mostram que, como dizem os velhos vídeos de AIDS, embora TEORICAMENTE todos nós sejamos vulneráveis ao vírus, independente de classe, raça, preferência sexual etc e tal... são os pretos, os pobres, as mulheres (melhor dizendo, os passivos e sem poder de comunicação ou negociação sexual em geral), os que não têm acesso à camisinha ou serviços de saúde, ou simplesmente a um lugar decente e privado para transar, que, DE FATO, ficam muito mais vulneráveis.

Os dados epidemiológicos dessa tragédia que assombra o globo mostram que, na verdade, “todo mundo pode pegar AIDS”; mas a epidemia cresce menos pelas possibilidades biológicas do vírus, que aproveita da fragilidade dos tecidos do corpo humano, e mais pelos buracos feitos no tecido social e na cidadania dos povos. Como vários estudos em São Paulo com jovens carentes têm mostrado⁵, precisamos muito mais do que a informação bombardeada sem sensibilidade cultural ou de classe, ou a “força de vontade” individual para evitar os chamados comportamentos de risco. (Isso porque já estou considerando pré-histórica a abordagem burra baseada no medo acusatório ou no preconceito enganador que fala de “promiscuidade”). Em geral, os programas baseados apenas na responsabilidade individual ou na “vontade de mudar o comportamento” só sobrecarregam de culpa e fatalismo uma pessoa cuja vulnerabilidade não é superada pela pessoa apenas. Só estimula mais uma

vez, entre os mais vulneráveis, a idéia de que o cuidado e a prevenção são “coisa de branco e riquinho”, como já ouvi. Mais uma coisa impossível de consumir: como aquele tênis ou sanduíche, a calça e o dinheiro de plástico que chega em qualquer lugar, compra qualquer coisa. Torna culpada a vítima mais uma vez, sem estimular nenhum exercício de cidadania.

É especialmente louvável, portanto, o final do vídeo, que coloca a AIDS como um desafio coletivo, conclama à ação coletiva, incentiva o compartilhar, a disseminarmos o que cada um sabe. Assim combatemos o fatalismo profundamente enraizado em grupos mais vulneráveis e desacostumados a serem sujeitos de sua vida, porque não sabem bem o que é ser um agente com direitos e deveres, ainda não construíram sua cidadania integral. E valoriza a contribuição que todos podem dar para conter essa epidemia.

Esse vídeo também discute e dá mais um passo para o enterro das campanhas educativas do início da epidemia que foram tão danosas ao criar a falsa idéia de “grupo de risco”, colocando a opção privada de cada um dos ali chamados “aidéticos” sob suspeita, criando irresponsavelmente a ilusão de imunidade para milhares de pessoas que vieram a se contaminar porque não se consideravam um grupo de risco⁶. Ele nos lembra que não é bem “se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar”, como na velha campanha. Melhor seria dizer “a gente pega ou não AIDS e se defende coletivamente e solidariamente”.

Os autores pretendem também produzir uma cartilha que acompanha o vídeo, certamente um recurso valioso para quem é

⁵ Ver, por exemplo: a) ANTUNES, MC, STALL, R., PAIVA V., PEREZ, C, PAUL J., HUGHES, M. HEARST, N, Avaliação de um programa de prevenção de AIDS para jovens adultos. In: MEL, F. (org) *Avaliação de Programas de Prevenção*, FHI/USAID, São Paulo: VÓZES. (no prelo). b) PAIVA, V. *Genero, educação e o sujeito sexual*. In: BARBOSA, R. (ed) *Brazilian Sexualities*, Rio: Relume- Dumara, 1996. c) Sobre essa discussão ver * Vera Paiva “Gendered scripts and the sexual scene: promoting sexual subjects among Brazilian teenagers”. In: PARKER, R. (org) *Re-concieving sexuality*. (no prelo)

⁶ Ver, por exemplo, a) DANIEL, H., PARKER, R. *Aids - a terceira Epidemia*. São Paulo: Iglu, 1991. b) PAIVA, V., ALONSO, L. *Em tempos de AIDS: viva a vida!*. In: PAIVA, V. e ALONSO L., *Em tempos de AIDS*, São Paulo: Summus Editorial, 1992.

multiplicador, sistematizando de novo informações mais “clássicas” que o vídeo não contém. O material de apoio deve conter mais informações detalhadas de formas de transmissão e, em especial, sobre as práticas seguras, como pôr e tirar a camisinha (e prazo de validade, diferentes qualidades etc) e sobre outras questões relevantes (reprodução e contracepção) já identificadas em outros projetos como aspectos necessariamente presentes nas decisões sobre sexo. Se os autores não pensaram nisso, fica a primeira sugestão.

O vídeo traz ainda um segredo desconhecido - acho que até de seus autores - descoberta no meu laboratório doméstico: um indicador potente para medir a eficácia da aprendizagem resultante do tape. Confira se o jovem que o assiste e discute é capaz de repetir 3 vezes!, e alto!, e sem errar! a palavra símbolo:

VulnerabilidAIDS VulnerADOLESCENTES
VulnerabilidAIDS VulnerADOLESCENTES
VulnerabilidAIDS VulnerADOLESCENTES

Quem consegue, já repetiu tantas vezes a palavra vulnerabilidade que DEVE ter conversado muito a respeito! Ou então - testamos isso em nosso laboratório familiar também - esse mesmo exercício pode ser feito antes de passar o vídeo, para despertar o interesse pela palavra vulnerabilidade - referência teórica que espero seja definitivamente incorporada no nosso dia a dia tratando de promover a saúde.

Vera Paiva

Instituto de Psicologia da USP,
membro da coordenação do Núcleo de Estudos
para a Prevenção da AIDS

